

Itinerário de desenvolvimento para missionários sinodais

Itinerario de desarrollo para misioneros sinodales

Development itinerary for synodal missionaries

Michel Musulin Soeltl¹

143

Resumo

Vivemos atualmente na Era Digital, um período caracterizado pelo foco na lucratividade e no alto desempenho, gerando, como consequência, uma sociedade antropocêntrica, desesperançosa e que busca a felicidade nos bens materiais e temporais do mundo, relativizando as relações humanas e esquecendo-se dos valores do Reino de Deus. Nesse contexto, o ser humano coloca o Capital Financeiro como o “Senhor de sua vida” e as soluções tecnológicas avançadas, como a Inteligência Artificial, tornam-se ferramentas a serviço desse Falso Senhor. O exemplo de Cristo torna-se antagônico e desinteressante face ao que o mundo oferece como caminho de prosperidade, fato comprovado pela redução do número de católicos no mundo nos últimos anos. Nesse sentido, a partir da pesquisa de mestrado deste autor – *A Missiologia em Tempos de Inteligência Artificial: Desafios e Oportunidades para o Despertar da Fé na Era Digital* – mais especificamente das quatro oportunidades identificadas para colaborar com o despertar da fé, apresentaremos uma proposta de itinerário de desenvolvimento querigmático para os missionários de nossa Igreja. O objetivo é introduzir um caminho para capacitá-los e assim prepará-los para agir no mundo e serem sal e luz em suas realidades, despertando o desejo das pessoas ao seu redor no seguimento do Ressuscitado e no trabalho pelo Reino.



Palavras-chave: Missiologia; Evangelização; Inteligência Artificial; Querigma; missionários sinodais.

Resumen

Actualmente vivimos en la Era Digital, un período caracterizado por el enfoque en la rentabilidad y el alto rendimiento, lo que genera como consecuencia una sociedad antropocéntrica, desesperanzada y que busca la felicidad en los bienes materiales y temporales del mundo, relativizando las relaciones humanas y olvidándose de los valores del Reino de Dios. En este contexto, el ser humano coloca el Capital Financiero como el “Señor de su vida” y las soluciones tecnológicas avanzadas, como la Inteligencia Artificial, se convierten en herramientas al servicio de este Falso Señor. El ejemplo de Cristo se vuelve antagónico y



¹ Mestre em Teología (PUC-SP). Mestre em Engenharia Automotiva (USP). Bacharel em Teología (Universidade Claretiana). Membro do Grupo de Pesquisas José Comblin (PUC-SP). <https://orcid.org/0009-0000-2129-3285>; <http://lattes.cnpq.br/4118016390574447>

poco interesante frente a lo que el mundo ofrece como camino de prosperidad, hecho comprobado por la reducción del número de católicos en el mundo en los últimos años. En este sentido, a partir de la investigación de maestría de este autor – La Misionología en Tiempos de Inteligencia Artificial: Desafíos y Oportunidades para el Despertar de la Fe en la Era Digital – y más específicamente de las cuatro oportunidades identificadas para colaborar con el despertar de la fe, presentaremos una propuesta de itinerario de desarrollo kerigmático para los misioneros de nuestra Iglesia. El objetivo es introducir un camino para capacitarlos y así prepararlos para actuar en el mundo y ser sal y luz en sus realidades, despertando el deseo de las personas a su alrededor de seguir al Resucitado y trabajar por el Reino.

Palabras clave: Misionología; Evangelización; Inteligencia Artificial; Kerigma; Misioneros sinodales.

Abstract

We currently live in the Digital Age, a period characterized by a focus on profitability and high performance, which consequently generates an anthropocentric and hopeless society that seeks happiness in the material and temporary goods of the world, relativizing human relationships and forgetting the values of the Kingdom of God. In this context, human beings place Financial Capital as the “Lord of their lives,” and advanced technological solutions such as Artificial Intelligence become tools at the service of this False Lord. The example of Christ becomes antagonistic and uninteresting compared to what the world offers as a path to prosperity, a fact evidenced by the reduction in the number of Catholics worldwide in recent years. In this sense, based on the author’s master’s research – *Missiology in Times of Artificial Intelligence: Challenges and Opportunities for Awakening Faith in the Digital Age* – and more specifically on the four opportunities identified to help awaken faith, we present a proposal for a kerygmatic development itinerary for the missionaries of our Church. The objective is to introduce a path to train and thus prepare them to act in the world and be salt and light in their realities, awakening in those around them the desire to follow the Risen One and to work for the Kingdom.

Key words: Missiology; Evangelization; Artificial Intelligence; Kerygma; Synodal Missionaries.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é adentrar em águas mais profundas na temática de preparação e formação de missionários, inserindo-se na dinâmica da metamorfose missionária inaugurada pelo Concílio Vaticano II, onde a Igreja como “sacramento universal de salvação” (LG, 48), compreendeu que é peregrina e missionária por natureza (AG, 2). Neste sentido, para agirmos no mundo como verdadeiros apóstolos e discípulos de Nosso Senhor Jesus Cristo, de maneira sinodal e missionária, é fundamental estarmos capacitados e qualificados para a Missão, e assim, ensinar a todos e todas a observar tudo quanto Jesus nos ordenou (Mt 28,19-20).

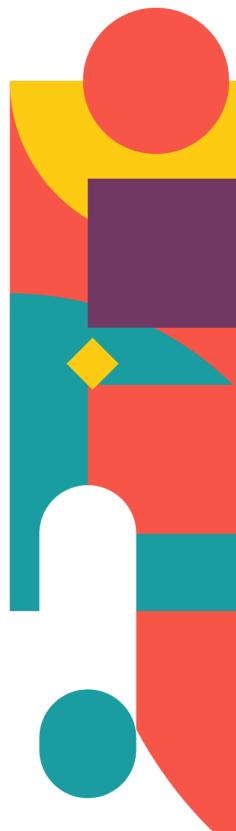
O Documento de Aparecida nos recorda que:

[...] a formação [...] deve contribuir, antes de mais nada, para sua atuação como discípulos missionários no mundo, na perspectiva do diálogo e da transformação da sociedade. É urgente uma formação específica para que [...] possam ter incidência significativa nos diferentes campos [...] como [...] da realidade social e da economia, [...] da cultura, das ciências e das artes, [...], dos meios de comunicação e de outras realidades abertas à evangelização. (DAP, 283)

145

Nesse contexto, entendemos que a formação “integral, permanente e querigmática” (DAP, 279) é um eixo que transpassa o estado laical, podendo chegar também aos ministérios ordenados.

A pesquisa de mestrado denominada **A Missiologia em Tempos de Inteligência Artificial – Desafios e Oportunidades para o Despertar da Fé na Era Digital**, apresenta como oportunidade, um entre tantos caminhos, para colaborar na formação de Sacerdotes, Religiosos e Religiosas, Leigos e Leigas e ajudá-los(as) para que possam despertar a fé adormecida no mundo pós-moderno em que vivemos. Esperançosos em irmos além, visto que todos somos membros da mesma comunidade em Cristo, pretendemos aqui apresentar mais algumas pistas do itinerário de desenvolvimento para missionários sinodais.



Com os pés no chão, olhos em um horizonte delineado em quatro etapas e dispostos a “sujar as mãos” com o trabalho em comunidade, temos como objetivo oferecer um caminho formativo para qualificá-los espiritual e intelectualmente, de modo que consigam compreender os Sinais dos Tempos Digitais e, assim, agir em suas realidades de maneira sinodal, ou seja, abertos, inspirados e impulsionados continuamente pelo Espírito Santo. Temos, como humilde intenção, colaborar com o desenvolvimento humano e espiritual de todos os cristãos – homens, mulheres, jovens, adolescentes, meninos e meninas – para que possamos deixar de ser apenas “fiéis a uma formulação” (EN, 41) e passemos a transmitir a verdadeira essência apostólica do Evangelho.

Partiremos de uma breve introdução sobre o processo de transformação da missão a partir do Concílio Vaticano II, chegando no lócus teológico da era digital, onde apresentaremos as características da sociedade imersa em tempos de inteligência artificial, para então discorrer com um pouco mais de profundidade a proposta de processo formativo contínuo e querigmático – que consolida as oportunidades para o despertar da fé da referida pesquisa – dando-lhe maiores subsídios para que possamos “chegar à altura da vida nova em Cristo, identificando-se profundamente com ele e sua missão” (DAP, 281).



2. A Metamorfose da Missão a partir do Concílio Vaticano II

Se antes do Concílio Vaticano II a missão da Igreja ainda se encontrava com raízes e visões coloniais, de superioridade europeia em relação aos outros povos do mundo, onde “introduziam-se na reflexão missiológica elementos antropológicos e socioculturais fundamentais

em relação a uma visão meramente territorial e colonial da missão" (Raschietti, 2022, p. 121)

[...] Tal situação só irá receber a devida correção no Concílio Vaticano II. Este representa um marco importante na história da Igreja ao concebê-la como Povo de Deus, como uma comunidade de fiéis na qual todos são membros ativos no desempenho da missão de evangelizar o mundo, por força do próprio batismo que receberam e não por algum mandato da hierarquia. (Miranda, 2022, p. 45)

A partir do espírito de renovação e abertura propostos pelo papa João XXIII, sob o mote *aggiornamento*², o CV II "foi mais do que um acontecimento histórico [...] foi e continua sendo um processo de encontro e diálogo, elaboração, propostas, recepção, interpretação e implementação" (Raschietti, 2022, p. 122). O CV II colaborou com um deslocamento da Igreja – que outrora possuía uma postura de autorreferencialidade – para uma Igreja em saída, reforçado por João Paulo II quando convida "a Igreja a um renovado empenhamento missionário" (RM, 2) pois "A realização do desígnio universal de Deus de salvar toda a humanidade é fruto da bondade e da providência divinas" (AG, 3). Nesse sentido, Giovanni Roncalli, futuro Papa João XXIII, por seu significativo trabalho como presidente das Pontifícias Obras Missionárias na Itália, tinha um "espírito sensível e atento aos sinais de evolução da história dos povos" (Raschietti, 2022, p. 123). Diante deste contexto, a Igreja peregrina tem um papel importante em ser luz no caminho onde passa, pois:

Quanto mais a fé cristã manifesta, tanto pelo aspecto laborativo como teórico, a força da práxis, mas ela atrai pessoas envolvidas nesse universo. Elas reconhecem, então, na fé cristã, a realização de anseios profundos e humanitários... A práxis libertadora da fé cristã desmente o famoso dito de Marx: a religião é o ópio do povo. Mostra o contrário. A fé tem potencial interior de converter pessoas até o dom de si. (Libânio, 2014, p. 146).

Assim, para que os missionários possam agir inspirados em Nossa Senhor Jesus Cristo – evangelizando os pobres, recuperando a visão dos cegos, restituindo a liberdade dos oprimidos e proclamando a graça do Senhor (Lc 4,18) – é de suma importância fornecer um processo de capacitação adequado para que o povo de Deus possa participar da "[...] função profética de Cristo, difundindo seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e caridade" (Francisco, 2024, p. 10).

a. Documentos Conciliares sobre a Abertura ao Diálogo

A abertura ao diálogo com o mundo cristão e não cristão se materializou em alguns dos documentos do Concílio Vaticano II. Entre os 16 documentos conciliares (4 constituições, 9 decretos e 3 declarações), podemos destacar:

- *Gaudium et Spes*: Constituição sobre a Igreja no mundo atual, que abre o diálogo e integração com a modernidade e o progresso da sociedade, colaborando com a

² *Aggiornamento* é um termo italiano para "atualização". Foi palavra central do espírito do Concílio Vaticano II.

abertura de caminhos para a revitalização e renovação teológica e pastoral;

- *Unitatis Redintegratio*: Decreto sobre o Ecumenismo, de modo a promover ações de restauração de unidade entre todos os cristãos;
- *Nostra Aetate*: Declaração sobre a Igreja e as religiões não cristãs, pois todos os seres humanos têm a mesma origem que é Deus, assim, devemos viver em harmonia e fraternidade.

Vemos um passo importante dado em relação à interação e atividade missionária da Igreja de forma multicultural, procurando dialogar indistintamente com todos, de modo a não entrar em guerras dialéticas impondo doutrinas, mas comunicando o amor de Deus (FT, 4).

147

b. *Ad Gentes* – Sobre a Atividade Missionária da Igreja

Mais do que levar a palavra de Deus e evangelizar os povos, as consequências da missão para o bem da sociedade e das relações humanas são grandiosas, pois colocam Cristo como princípio e modelo da humanidade. “A atividade missionária se situa entre a primeira e a segunda vinda do Senhor, quando a Igreja será reunida no reino de Deus como uma colheita, vindo dos quatro cantos da terra. Antes pois que venha o Senhor é preciso pregar o Evangelho a todos os povos” (AG, 9).

Desde o início de sua história, a Igreja soube anunciar Cristo por intermédio de expressões e conceitos linguísticos aprendidos dos diversos povos, e torná-lo melhor conhecido recorrendo à sabedoria dos filósofos. A Igreja teve sempre por objetivo adaptar o Evangelho à capacidade de entender do povo e às exigências dos intelectuais. Essa acomodação da pregação da palavra revelada é uma lei permanente da evangelização. Em todas as nações a possibilidade de exprimir a seu modo a mensagem de Cristo deve ser cultivada, promovendo-se um intercâmbio fecundo entre a Igreja e as demais culturas (GS, 44).

Ao levar a luz do Evangelho aos povos do mundo inteiro, a Igreja procura reestabelecer e elevar a dignidade humana, bem como fortalecer os laços sociais (GS, 40), proporcionando uma significação para a atividade humana e colaborando com os seres humanos para encontrarem o sentido da sua própria existência:

De fato, a Igreja sabe que somente Deus, a quem serve, satisfaz aos mais profundos desejos do coração humano, que as coisas da terra jamais hão de saciar. Sabe também que, sob ação do Espírito de Deus, o ser humano não será jamais completamente indiferente ao problema religioso, como o demonstra não apenas a experiência dos séculos passados, mas inúmeros problemas contemporâneos (GS, 41).

Diante do cenário de abertura e interação em contextos sociais diversos, de uma sociedade



frágil, de ambientes ambíguos e desesperançosos, porém cheios de oportunidades para que a luz do Evangelho e as ações de Cristo se façam concretas novamente, a transformação da forma de se concretizar a missão faz-se necessária e a proposta do itinerário procura responder a essa necessidade, dialogando com a realidade e respondendo aos Sinais dos Tempos Digitais presentes no contexto em que vivemos.

3. O lócus teológico contemporâneo: A Sociedade em Tempos de Inteligência Artificial

Tendo como base reflexões de teólogos e filósofos pós-modernos, bem como do Magistério da Igreja e da Sagrada Escritura para iluminar com a sabedoria e revelação de Deus nossa realidade, podemos identificar 4 características da Era Digital (Soeltl, 2025, p. 36-45):

- **Alto Desempenho:** Na Era Digital a entrega de resultados financeiros é o principal objetivo das empresas e da economia, uma economia baseada exclusivamente no lucro, que exclui os fracos e a natureza, e que constitui o capital como ídolo que semeia a destruição e a morte (EG, 53-56).
- **Individualismo:** Como o “entregar” e consequentemente o “acumular bens” passaram a ser o fim último de nossa existência, o outro passa a ser um obstáculo aos nossos anseios de desenvolvimento profissional, progresso e sucesso. Assim, as relações humanas foram se deteriorando e o individualismo enfraqueceu os vínculos comunitários (DAp, 44).
- **Infelicidade:** O ser humano é um ser de relações, necessitamos do convício social e de pertencer a uma comunidade. Porém, na Era da competitividade extrema e desumana, nos isolamos em busca de nossos interesses egóicos e individualistas. A consequência é chegarmos a um estado de infelicidade como nunca visto antes.
- **Consumo:** De modo a suprir o vazio existencial em nossas vidas, a dinâmica do mercado nos “vende” a ideia de que a felicidade está nas coisas temporais e materiais, e então, o consumo passa a ser a “chave de nossa felicidade”. Ter e ostentar, passam a ser sinônimos de validação social e consequentemente plenitude. Porém, como sabemos, é um estado transitório e não pleno, o que nos faz entrar em um círculo vicioso sem-fim.

4. A Sociedade em Tempos de Inteligência Artificial

A partir das quatro características da Era Digital, traçamos uma correlação com a definição da sociedade atual feita pelo sociólogo norte-americano James Cassio (Soeltl, 2025, p. 52), com o acrônimo BANI (*Brittle; Anxious; Non-Linear; Incomprehensible*).

- **Frágil (Brittle):** Apesar de todos os avanços tecnológicos e das diversas estruturas de poder (político, econômico, social e religioso) que direcionam e controlam nossa vida, pudemos ver que a inter-relação e o excesso de conexão tornaram o

mundo mais vulnerável e frágil.

- **Ansiedade (Anxious):** Essa fragilidade e consciência de nossa “pequenez” faz com que os seres humanos se sintam ansiosos, resposta instintiva e inconsciente de nosso corpo com o objetivo de nos defender de uma ameaça imaginária.
- **Não Linearidade (Non-Linear):** Não há causas e consequências claras na pós-modernidade. A previsibilidade é difícil e a todo momento podemos nos deparar com novidades, disruptões tecnológicas, sociais ou comportamentais.
- **Incompreensibilidade (Incomprehensible):** Como consequência, fica difícil compreender os movimentos humanos, políticos, sociais, econômicos. Então, o poder autoritário e impositivo ganha forças, como uma saída para ter maior controle da situação, e acabamos vendo o mundo se deteriorar e separar-se cada vez mais.

Somado a esse fato, apontamos que em novembro de 2022 o mundo se deparou com uma novidade tecnológica que mudou nossa maneira de nos “relacionar” com a informática: Sistemas de IA generativos. Lançado pela OpenAi, o ChatGPT trouxe para a linguagem natural os algoritmos matemáticos que passaram a ter “inteligência” na construção e geração de frases, o que outrora era focado principalmente em previsões binárias.

Essa revolução tecnológica, porém, passou a ser analisada com o objetivo de substituir postos de trabalho em atividades repetitivas – maximizando o lucro e o acúmulo de capital – ao invés de reduzir a carga cognitiva dos profissionais exauridos mental e fisicamente em busca de melhores e maiores resultados. “[...] é preciso destacar e em tom reflexivo alertar que o fascínio pelo novo e a exploração do seu uso indiscriminado a serviço do Falso Senhor causa sérios problemas para o mundo em que vivemos, pois não temos total consciência e compreensão dos efeitos de suas aplicações” (Soeltl, Michel Musulin, 2025, p. 57).

5. Itinerário de Desenvolvimento para Missionários Sinodais

O Documento de Aparecida nos apresenta a necessidade de uma formação querigmática e permanente onde a “missão principal da formação é ajudar os membros da Igreja a se encontrarem sempre com Cristo” (DAp, 279). Somos todos chamados – a partir do batismo – à santidade. Assim, cabe-nos colocar o Ressuscitado como modelo a ser seguido, “pois Cristo é o princípio e o modelo da humanidade renovada” (AG. 8). Aponta João Batista Libânia algumas portas de entrada da fé católica: Deus, Escritura, Experiência existencial, Inteligência, Comunidade, Espiritualidade, Testemunho e do exemplo até o extremo do martírio (Libânio, 2014, p. 107).

Todos elas presumem, de alguma forma, o encontro por parte do crente com Nosso Senhor e a certeza de que Ele deve ser o nosso modelo de vida. Porém, para os cristãos da Era Digital, a maior dificuldade talvez seja “reapresentar” Jesus Cristo ao mundo niilista e materialista em que vivemos, principalmente aos que “pensam que já o conhecem” e que vivem como “fariseus pós-modernos” na normose do Culto e não do Seguimento:

149



Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Sois semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão. Assim também vós: por fora pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade. (Mt 23,27).

Nesse contexto, apresentamos a seguir as quatro etapas que constituem uma proposta de Itinerário de Desenvolvimento para todos e todas que se propõem a serem agentes da esperança e da missão no mundo.

a. O Encontro profundo com o Verdadeiro Senhor

Se temos Jesus Cristo como modelo a ser seguido, é de suma importância o conhecemos profundamente. Foi assim, fazendo-se conhecer, que Cristo se tornou o Verdadeiro Senhor e Mestre: Mestre, onde moras? Disse-lhe Jesus: “Vinde e vede” (Jo 1,38-39). Para que haja o testemunho que desperta o interesse e que impulsiona a conversão, faz-se necessário falarmos verdadeiramente com o coração e agirmos fortemente com compaixão na vida concreta, pois “a vida em Cristo inclui a alegria de comer juntos, o entusiasmo para progredir, o gosto de trabalhar e de aprender” (DAp, 356). Assim, é preciso sentir verdadeiramente o Senhor e nada melhor do que um “encontro” para que possamos cada vez mais conhecê-lo, amá-lo e servi-lo³. Se avaliarmos a história da Igreja, principalmente dos mártires e santos, vemos que há um ponto convergente entre todos eles: O Encontro com o Senhor. Seja no seu momento de conversão, como Paulo:

Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saul, Saul, por que me persegues?” Ele perguntou: “Quem és, Senhor?” E a resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te, entra na cidade, e te dirão o que deves fazer.” (At 9,3-6).

Ou no relato de Santo Agostinho, que buscava incessantemente a felicidade e a paz nos prazeres terrenos, quando enfim encontrou a paz no Senhor:

Tarde demais eu te amei, ó beleza dos dias antigos, mas sempre nova! Tarde demais eu te amei! E eis que tu estavas dentro de mim, e eu fora, e lá eu te procurava; deformado eu, mergulhando em meio àquelas belas formas que tu criaste. Tu estavas comigo, mas eu não estava contigo. Coisas me mantinham longe de ti, as quais, a menos que estivesse em ti, não existiam de fato. Tu chamaste, gritaste e rompeste minha surdez. Tu brilhaste, brilhaste e espalhaste minha cegueira. Tu exalaste odores, e eu respirei e ofeguei por ti. Provei, e tive fome e sede. Tu me tocaste, e eu ardia por tua paz (S. Agostinho, 2024, p. 157).

O encontro com o Ressuscitado torna-se base para que a *práxis* seja repleta de experiência.



³ A frase “que possamos cada vez mais conhecê-lo, amá-lo e servi-lo” é a essência da espiritualidade de Santo Inácio de Loyola, especialmente quando relacionada ao Princípio e Fundamento dos seus Exercícios Espirituais. Essa intenção reflete o propósito da criação humana: que as pessoas possam conhecer, amar e servir a Deus, alcançando a felicidade eterna com Ele.

Assim, sugerimos incluir os Exercícios Espirituais Inacianos no processo formativo de todos os que almejam serem verdadeiros discípulos missionários pois:

Temos uma lacuna conceitual importante na formação dos discípulos pós-modernos de Jesus, que na verdade é reflexo de um modo de agir institucional de nossa Igreja por muitos séculos. As dezenas de concílios progressos ao CVII focaram suas discussões e reflexões na sistematização de dogmas, e o resultado prático foi que, durante séculos, a teologia se dedicou ao problema da explicação dos textos sobre quem era Jesus, deixando de lado a preocupação de saber o que ele fez e queria (Soeltl, 2025, p. 84).

151

De certo há outros caminhos para se desenvolver a espiritualidade do encontro com o Senhor, ainda mais quando pensamos na história da Igreja Católica que remonta praticamente vinte séculos. Porém, sugerimos esse método para aprofundar a comunhão com Deus, cultivar o autoconhecimento, o domínio de si e promover a paz interior e a reforma de vida, face à experiência pessoal vivenciada, apresentando essa “nova forma” de levar o Evangelho como quem leva a mensagem e a história de um amigo, pois por meio dos Exercícios Espirituais Inacianos ocorre o encontro pessoal com o Ressuscitado:

Assim uma das possíveis soluções a serem adotadas de tal sorte a propiciar este encontro, é incluir no processo de formação retiros espirituais inacianos, para que os irmãos e irmãos que buscam colaborar com a missão possam ser tocados por Jesus Cristo e sua companhia... Essa recomendação possui diversos testemunhos ao longo da história, incluindo este humilde e servo de Deus que vos escreve. No artigo “A Revelação através da Ótica Inaciana a: Os Exercícios Espirituais como ferramenta para viabilizar a Experiência com Deus”, publicado na Revista Pensar, da Faculdade Jesuíta, em 2024, escrevi sobre a metodologia dos Exercícios Espirituais Inacianos e como eles foram fundamentais para que eu tivesse um encontro com o Senhor e fosse tocado intimamente pelo seu exemplo (Soeltl, 2025, p. 86).



“O Espírito Santo é quem unifica na comunhão e no ministério e enriquece com diversos dons [...] toda a Igreja, através dos tempos, dando vida [...] sendo como que alma delas, e instalando nos corações dos fiéis aquele mesmo espírito de missão que animava o próprio Cristo” (AG, 4). Temos assim nos Exercícios Espirituais esses critérios plenamente atendidos pois, durante todo o processo inaciano, é o Espírito que nos conduz e ilumina.

b. Desenvolvendo a capacidade do diálogo e escuta ativa para viabilizar a sinodalidade



Não é preciso toda uma reforma de vida⁴ para iniciar os trabalhos na comunidade. Uma simples centelha nos ajudará a agir de maneira mais assertiva e adequada para auxiliar

⁴ Reforma de Vida na Espiritualidade Inaciana é o processo de reorganização profunda para encontrar Deus e viver de acordo com a sua vontade.

na construção do Reino. O próprio Concílio Vaticano II é um exemplo da sinodalidade da Igreja, que vislumbra o trabalho em conjunto, com união de todos os carismas e vocações em prol do Reino de Deus. Nesta segunda etapa, propomos desenvolver os missionários no conhecimento da competência comportamental denominada “Abertura ao novo”, ou seja, a capacidade de abrir-se às novidades, ao diferente, ao desconhecido e construir a unidade nos momentos de conflito.

Decerto, para trabalharmos de maneira sinodal, será necessário estarmos continuamente buscando esforços para “desenvolver uma comunhão nas diferenças” (EG, 2013; 228). Para isso é preciso sair da zona de conforto, assim como Jesus Cristo o fez durante toda a sua vida pública. Judeu, ciente da maneira como coxos, cegos, prostitutas e leprosos eram vistos e “classificados” em sua sociedade, Ele foi ao encontro dos excluídos e marginalizados, pois, repleto do Espírito, agiu para promover a inclusão, a equidade e a justiça, mesmo sabendo que “O acolhimento incondicionado de pecadores e marginalizados, [...], juntamente com a oferta generosa do perdão, irritava muito as autoridades religiosas daquele tempo” (Miranda, 2022, p. 77).

É certo que o desconhecido e as possíveis perseguições que sofrerão os farão sentir medo e afigirá vossos corações e alma, mas ser missionário é peregrinar, é deslocar-se constantemente, é procurar trabalhar com o próximo apesar das diferenças, pois:

Quando estamos conscientes de que trabalhar harmonicamente com o próximo se faz necessário, minimamente, para que tenhamos um mundo mais agradável de se viver, começamos pouco a pouco a sensibilizar nosso afeto e olhar fraterno, e passamos da convivência pacífica para a construção em comunhão e, assim, vamos nos humanizando novamente (Soeltl, 2025, p. 92).

Par tanto desenvolveremos nesta etapa a habilidade de escuta ativa, que viabilizará o diálogo – com cristãos e não cristãos – e consequentemente desenvolverá nossa capacidade de se abrir e escutar o próximo, praticando e trabalhando pela paz, pois “a paz é possível, porque o Senhor venceu o mundo e sua permanente conflitualidade, pacificando pelo sangue da sua cruz” (EG, 229). Assim, trabalhando pela unidade na adversidade, conseguiremos agir em conjunto com irmãos e irmãs, somando dons e vocações, para operacionalizar projetos que promovam cada vez mais a justiça social e a equidade, onde todos são chamados e convidados à mesa de uma sociedade mais fraterna e humana.

c. Sermos Sal e Luz do Mundo por meio de projetos sinodais

O exemplo de ação em comunidade, mesmo navegando nos mares turbulentos da diversidade, fará com que os missionários sejam vistos, reconhecidos e “interessantes” de se aproximar. As atitudes no dia a dia mostrarão que os agentes da esperança são “diferenciados”, pois promovem a inclusão em um mundo que descarta constantemente as pessoas; que possuem relação fraterna e incondicional, em comunidades onde as relações são em sua grande maioria direcionadas pelos interesses; que procuram dialogar com o diferente em uma sociedade na qual o outro é um inimigo a ser combatido; que agem de forma sinodal

em realidades nas quais o individualismo predomina. Nesse sentido, os Missionários Sinais demonstrarão na prática que:

[...] o verdadeiro caminho da felicidade não está no consumir e des-
cartar e sim no partilhar e acolher. Faz-se necessário agirmos no
mundo com amor e caminharmos em direção ao outro, procurando
inspirar as pessoas ao nosso redor por meio de exemplos e obras,
pois a mensagem é igual para todos (homens e mulheres, adultos e
crianças, ricos e pobres), mas não é compreendida da mesma forma
(Soeltl., 2025, p. 96).

153

Na terceira etapa será aplicada na realidade concreta das comunidades, projetos missionários sinodais, que levarão “a pessoa a assumir a própria história e [...] se tornar capaz de viver como cristão em um mundo plural [...]” (DAp, 280a). Esta atitude viabiliza e “[...] habilita propor projetos e estilos de vida cristã atraentes, com [...] colaboração fraterna com todos os membros da comunidade e [...] incentiva a responsabilidade [...] para construir o Reino de Deus” (DAp, 280d).

Também nessa etapa, durante a elaboração e execução de projetos em prol do Reino de Deus, serão fornecidas capacitações específicas (ex.: Lógica das Redes Sociais, Como funciona a IA?), para desenvolver os missionários em relação ao contexto de suas realidades pois, “a competência vem de uma formação inter e transdisciplinar” (Brighenti, 2021, p. 232). Nesse sentido, serão apresentadas algumas ferramentas – outrora utilizadas pelo Falso Senhor para fomentar apenas o acúmulo de riqueza – que podem ser instrumentos na melhoria da qualidade de vida, na evangelização e na promoção de comunidades mais fraternas e humanas, pois “a formação deve contribuir, antes de mais nada, para a atuação como discípulos missionários no mundo, na perspectiva do diálogo e da transformação da sociedade.” (DAp, 283)

d. Busca da Verdade a partir do Desenvolvimento Pessoal Contínuo

A partir das ações e projetos práticos, os Missionários serão devidamente “testados” pelo mundo e a sua fé “questionada”. É fato também que poderão ser “julgados” pelos resultados obtidos, afinal, vivemos na era do alto desempenho. É importante lembrarmos que para o planejamento sinodal é importante “privilegiar o processo aos resultados [...]” pois privilegiar o processo significa privilegiar a participação” (Brighenti, 2021, p. 232). Diante das adversidades que se apresentarão, a busca da verdade e o desenvolvimento contínuo e assistido, que farão parte do itinerário de capacitação, formarão a base e fundamento para que a busca pela verdade nunca cesse, “faz-se necessário valorizar a todos e ter abertura de coração para aprender até mesmo das crianças” (Santo André, 2017, p. 28) Nesse sentido, a dimensão intelectual da formação é imprescindível, pois “uma reflexão séria [...] por meio do estudo, [...] abre a inteligência para a verdade. Também capacita para o discernimento, o juízo crítico e o diálogo sobre a realidade e a cultura” (DAp 280c).

Portanto, sugerimos incluir no itinerário formativo a formação em quatro competências relacionais apresentadas por Jesus Cristo em sua vida pública: Gerir Adversidade; Tomar



Decisões com Qualidade; Lidar com Ambiguidade e Compaixão. Pela capacitação dos missionários nos conceitos e nas formas de agir no mundo à luz dessas “qualidades Crísticas”, nossos agentes sinodais saberão agir com sabedoria diante dos desafios e conseguirão ser “ilhas de compaixão em um oceano de indiferenças”, como nos pediu o Papa Francisco. O desenvolvimento dessas habilidades colaborará com o aflorar da sabedoria que vai muito além da inteligência. A inteligência sem sabedoria é desumana porque foca apenas na construção de bens e produtos para alcançar resultados previsíveis e materiais.

A sabedoria nos ajuda a termos uma inteligência com os olhos do coração, pois é pelo dom do Espírito Santo que podemos desenvolvê-la e passaremos então a dar mais ouvido a nossa consciência.

No fundo da consciência, o ser humano descobre uma lei que não foi ele que estabeleceu, mas que deve ser seguida por ele. É como se fosse uma voz que lhe falasse ao coração e o chamassem a amar o bem e a praticá-lo, afastando-se do mal: faça isto evite aquilo. Essa lei foi inscrita por Deus no seu coração. Obedecê-la é o segredo da dignidade humana pois é por ela que todos serão julgados (GS,16).

Estes conhecimentos despertarão a autoconsciência e colaborarão para que os missionários sinodais, antes de agir, passem a refletir seus pensamentos à luz da voz de Deus, que falará em vossos corações. Assim, estarão mais preparados para saber se portar em situações adversas, tomando decisões com qualidade, lidando com as ambiguidades dos efeitos de suas ações e demonstrando contínua compaixão, construirão pontes nas relações humanas, agindo como “instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres” (EG, 2013, 187), consequentemente, colaborando com a implementação dos conceitos do Reino de Deus em suas realidades.

6. Considerações Finais

O itinerário proposto apresenta pistas para uma formação querigmática, permanente, assistida e contínua, em conformidade com o processo de metamorfose missionária iniciado pelo Concílio Vaticano II. Do primeiro encontro profundo e íntimo com o Senhor, partimos em missão – pressupondo atividades em comunidade – e assim, como Nossa Senhora Jesus Cristo nos ensinou e tendo-o como modelo de vida, estaremos abertos ao novo e sempre de forma sinodal escutando ativa e fraternalmente o próximo.

As ferramentas tecnológicas, seja com ou sem Inteligência Artificial embarcada, servirão como ferramentas e meios para que possamos aumentar nosso desempenho no despertar da fé, e então, cientes das adversidades que encontraremos, tomaremos como luzes quatro das competências comportamentais apresentadas por Cristo durante sua vida pública para desenvolver nossa sabedoria.

Esperamos que este itinerário possa despertar o interesse de um maior aprofundamento, capacitação e qualificação de missionários e missionárias em nossas comunidades, para

que sejam agentes da esperança em um mundo cada vez mais necessitado e carente do Evangelho e distante de ações alinhadas com os valores do Reino de Deus.

7. Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2024.

BRIGHENTI, Agenor. *Teologia Pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora*. Petrópolis: Vozes, 2021.

CELAM. *Documento de Aparecida*. Brasília: Paulus, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes: decreto sobre a atividade missionária da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo de hoje*. São Paulo: Paulinas, 1998.

DIOCESE DE SANTO ANDRÉ. *Subsídio formativo para ministérios extraordinários – v. 1*. Santo André: Diocese de Santo André, 2017.

FRANCISCO, Papa. *Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2023.

FRANCISCO, Papa. *Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação, missão. Documento final: Sínodo 2021-2024*. São Paulo: Paulinas, 2024.

LIBANIO, João Batista. *Introdução à Teologia Fundamental*. São Paulo: Paulus, 2014.

MIRANDA, Mário de França. *Caminhar com Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, 2022.

RASCHIETTI, Estêvão. *A missão em questão: a emergência de um paradigma missionário em perspectiva decolonial*. Petrópolis: Vozes, 2022.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução de Edward Bouverie Pusey. Barueri: Instituto Brasileiro de Cultura, 2024.

SOELTL, Michel Musulin. *Missiologia em tempos de inteligência artificial: desafios e oportunidades para o despertar da fé na era digital*. 2025. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2025. Texto não publicado.

155

